

OPERADORES DE TEMPO EM ENUNCIADOS DE LEGENDAS JORNALÍSTICAS

JORGE VIANA SANTOS

Departamento de Estudos Lingüísticos e Literários -Universidade
Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Caixa postal 95 – 45083-900 –
Vitória da Conquista – BA – Brasil
jorge-viana@uol.com.br

Abstract. *The caption appears in the newspaper as a text with structure similar to the news, in order to specify data related to the facts: what, who, where, when. However, not long like news, and linked-up with verbal and visual languages, it can present particular strategies to create relationships between this two languages. This work examines some functions of time operators in enunciation of journalistic captions, in newspaper Folha de S. Paulo.*

Key words. *Semantics; journalistic captions; Genre analysis; time operators.*

Resumo. *A legenda aparece no jornal como um texto que, normalmente, apresenta uma estrutura, diríamos, paralela à da notícia, preocupando-se em especificar dados ligados ao acontecimento: o que, quem, onde, quando. Entretanto, não sendo comparável à notícia em termos de extensão, e estando relacionada ao mesmo tempo ao verbal e ao visual, é de se esperar que ela possua estratégias particulares de criar relações entre essas linguagens. Neste trabalho investiga-se preliminarmente o funcionamento de operadores de tempo em enunciados de legendas jornalísticas, veiculadas no jornal Folha de S. Paulo.*

Palavras-chave. *Semântica; gêneros textuais; legendas jornalísticas; operadores de tempo.*

1. Preliminares

Quando a linguagem verbal da notícia passou a conviver com a linguagem não verbal, visual, da imagem fotográfica, em virtude mesmo das características peculiares desta, surgiram questionamentos.vários: *Que tipo de relação existe entre a notícia e a foto jornalística? O texto verbal seria determinante da imagem, que funcionaria como mera ilustração? Ou, inversamente, a foto determinaria o texto escrito? Haveria independência entre uma e outra linguagens? Ou, ainda, seriam complementares?*

Diversos estudiosos têm se debruçado em tal ou qual medida sobre o problema, a exemplo de Barthes (1990), que destaca a conotação da imagem pelo verbal; Joly (1996:115ss), que defende a complementaridade; Duarte (1998:147-148), que afirma que, visto a linguagem verbal poder dar conta de certas limitações da linguagem não verbal, visual, da imagem fotográfica, a comunicação envolvendo esta dificilmente pode prescindir daquela; e Price (1994: 5-6) que postula que o ato de descrever verbalmente a imagem fotográfica, seja por qualquer tipo de texto, é que permite o ato de vê-la, de interpretá-la.

Como se percebe, pode-se depreender, em princípio, que há pelo menos três posições, por assim dizer, clássicas quanto ao entendimento e consideração da relação entre o verbal e o não verbal envolvendo a notícia e a fotografia no jornal impresso: **autonomia, dependência, complementaridade.**

Por ora, longe de pretender emitir juízo de valor sobre tais posicionamentos teóricos, pretendo deslocar o eixo da discussão para outra perspectiva: a de que no jornal impresso, a notícia e a foto jornalística, acima de qualquer espécie de relação, exercem, em conjunto, uma **função constitutiva** do gênero discursivo jornalístico moderno.

Para um primeiro tangenciamento das questões postas, desenvolvi, a título de projeto-piloto¹, uma pesquisa na qual delimito a relação entre a fotografia jornalística e sua legenda como universo para investigação das eventuais relações entre a linguagem verbal da notícia e a linguagem não verbal visual da fotografia. Tomei como base um *corpus* composto de 35 fotografias e suas respectivas legendas, veiculadas na primeira página do jornal *Folha de S. Paulo*, no segundo semestre de 2003 e primeiro de 2004. O objetivo foi, primeiro, detectar que tipo de signo verbal destaca-se nos enunciados das legendas; para, em seguida, analisando o seu funcionamento, verificar que aspecto mais contribui na caracterização da legenda como possível texto lingüístico de estrutura própria que possibilite inter-relações entre a linguagem verbal e a linguagem visual da fotografia no jornal.

2. Legenda e fotografia jornalística: relacionamento entre linguagens

Conforme Faria e Zanchetta (2002:111), "uma foto jornalística tem pouco valor informativo se não for acompanhada de sua respectiva legenda, pois em toda informação há elementos abstratos que não podemos visualizar". Seguindo esse postulado, as legendas do jornal impresso são conceituadas, em geral, como textos de extensão relativamente curta que se colocam junto (embaixo, ao lado, acima) da imagem, a fim de propiciar, como postula Lima (1988:31-33), "(...) a relação entre imagem e texto, referindo-se ao fato e, portanto ao espaço e ao acontecimento, de forma mais específica".

Não obstante, em conceitos como esse não se divisam características da natureza da legenda que, porventura, permitam compreender-se como esse tipo de texto que se associa ao da notícia se liga semiótica e lingüisticamente à fotografia a que se refere - tudo isto no contexto do jornal. Nesse sentido, uma luz é lançada por Vilches (1987:73-74) para quem a legenda, "(...) por sua dependência espacial e temporal do texto visual pode considerar-se como uma estrutura local relacionada a uma estrutura global que

compreende tanto a própria legenda quanto a fotografia": o jornal. Em vista disso, postula ser a legenda

(...) o conjunto de marcas informativas que tendem a explicitar em um registro escrito elementos espaciais, temporais e actoriais (actoriales) da foto. [E esclarece:] (...) estas marcas informativas são (...) referências espaço-temporais, as quais formam a dêixis².

A legenda, assim, aparece no jornal impresso como um enunciado que, não poucas vezes, apresenta uma estrutura paralela à da notícia, preocupando-se em especificar dados ligados ao acontecimento, referindo elementos de um lide: **o que, quem, onde, quando**. Para tanto, não sendo a notícia, e estando relacionada ao mesmo tempo ao verbal e ao visual, espera-se que a legenda possua estratégias próprias de criar relacionamentos entre essas modalidades de linguagem.

3. Discussão dos resultados: Tempo-espaço ou o *fora-do-quadro*

Passemos, então, ao *corpus*, esclarecendo que, na análise dos dados, limito-me de início à busca de uma resposta: como a legenda traz em seu enunciado signos indicadores de tempo; e como esses signos funcionam trazendo tais ou quais implicações na relação entre as linguagens em questão: verbal da legenda, não verbal (visual) da fotografia.

Em primeiro lugar, verifica-se na amostra a recorrência destacada dos operadores temporais: **após, durante, antes de, depois de**. Esses signos, e suas variantes, classificados pela Lingüística morfológicamente como preposições e locuções prepositivas, ou advérbios temporais, por exemplo, por Pontes (1992) e Fiorin (2001) e Neves (1992), aparecem funcionando de modo que não apenas relacionam uma frase ou segmento de frase a outro, mas sobretudo, estabelecem uma organização que pode ser particular da legenda. Isto porque, nas legendas onde tais signos apareceram, configurou-se - em todos os casos - a seguinte estrutura: a um primeiro segmento, predominantemente descritivo/qualificativo daquilo que **é visto** na imagem; segue-se um segundo segmento predominantemente narrativo daquilo que **não é visto** nela. Por sua vez, esse último segmento vem introduzido, via de regra, por um dos operadores supracitados. Por exemplo, a foto 1 (de G.Baker- 24/05/2004), foi publicada com a legenda *O presidente Lula e a primeira-dama Marisa passeiam após festejarem aniversário de casamento em churrascaria na China*.



Observe-se que a imagem corrobora o primeiro segmento: há uma correlação aceitável entre o visto e o dito: o presidente e a primeira-dama estão na imagem. Mas, onde estão a festa de aniversário? E a churrascaria? Ora, a foto mostra tão-somente um fato captado num lapso de tempo, o qual acha-se articulado com o primeiro segmento textual; não

obstante, o texto verbal ao introduzir o segundo segmento com a preposição *após* cria uma espécie de *fora-do-quadro*³ narrativo *sui generis*: é verbal e visual ao mesmo tempo. Verbal, óbvio, pelo uso da língua, organizando o enunciado. Visual, não tão óbvio, porque a narrativa seguinte ao *após* não se apresenta separada do primeiro segmento que, por sua vez, existe enquanto parte do texto da legenda vinculado, referencialmente, aos elementos visuais presentes na foto. Trata-se de um *fora-do-quadro* contextualizador: cria para o leitor a possibilidade de, vendo apenas uma imagem - a foto presente -, visualizar um quadro virtual, ou cena, com elementos espacial e temporalmente não expressos na imagem.

Como esse *fora-do-quadro*, introduzido pelos operadores temporais é verbal (narrativo) e visual ao mesmo tempo, além de combinar espaço e tempo, possibilita uma espécie de controle por parte de quem faz a legenda (o jornal, enquanto sujeito institucional): qual será o *tom* do contexto não visto: Descritivo? Crítico? Irônico? Todos são possíveis, pois, como explica Bakhtin (1992:36), "a palavra é o fenômeno ideológico por excelência". Um exemplo é a foto 2 (de F. Varanda - 01/05/2004):



Sua legenda diz: *Automóvel afundado na água após ter caído em cratera gerada pelo rompimento de tubulação na Lagoa (zona sul do Rio)*. Verifica-se aqui como o binômio *segmento visto* articulado espaço-temporalmente por meio do *após* ao *segmento não visto* podem funcionar criando, referindo, um *fora-do-quadro* contrastante. O visto pode não condizer com o dito e vice-versa. Como se vê, contrastes como esses podem intencionalmente ou não assumir nuances, por exemplo, críticas, irônicas que, por certo, interessariam a um analista do discurso.



Um signo também recorrente como articulador do primeiro e segundo segmentos da legenda foi o *durante*. Na legenda da foto 3 (de M. Bergamo - 20/04/2004), acima, *Sem-teto enfrentam policiais militares durante tentativa de invasão de um quartel desativado da corporação em SP*, observa-se que o signo *durante* introduz um *fora-do-quadro* que

ainda está acontecendo e do qual a imagem da foto seria uma amostra, ou melhor, um dos vários quadros da cena.

4. Colocações finais

A legenda situa-se física e conceptualmente como um signo entre o verbal (notícia) e o visual (fotografia). Uma parte dela, muito possivelmente a que chamamos aqui de *primeiro segmento*, "ancora-se" na imagem, ou seja, nela busca, visualmente, os seus referentes. Outra parte, o *segundo segmento*, "ancora-se" na situação noticiada que, por regra, deve ser mais ampla que a foto e que a própria legenda juntas. Daí a criação constante, como vimos, de um *fora-do-quadro* controlado, que aponta verbalmente para a notícia (ou ainda para o fato gerador dela), mas já apoiado nos componentes visuais da fotografia, visto que aparece articulado com o *primeiro segmento*. Além disso, note-se que os signos relacionais analisados, embora classificados geralmente como temporais, servem para introduzir um segmento (o segundo) que, narrativo que é, torna-se também espacial⁴.

Os resultados apontam na direção de entender que as legendas possivelmente por um lado empregam normalmente os operadores de tempo (advérbios temporais e preposições), ou seja, eles se organizam seguindo o que Benveniste (1966e1974), chama de tempo lingüístico. Por outro lado, tudo indica que, no enunciado da legenda, o *agora* do tempo lingüístico ancora-se também no *agora* do tempo da imagem, que, conforme Dubois (1995), é um "presente congelado", ou se preferirmos, um "passado presentificado".

Enfim, não esquecendo tratar-se aqui de um *corpus* ainda experimental, tudo leva a crer que a legenda funciona como um signo complexo que cria no jornal impresso, especificamente nos limites textuais do gênero notícia, uma possibilidade de *extrapolação de linguagens*: a linguagem verbal "contamina-se" com a visual da foto, passando a requerê-la como contexto para se atualizar. Por seu turno, a linguagem visual da foto encontra na verbal da legenda não só a possibilidade de ganhar um *fora-do-quadro* narrativo, mas de ser modificada em tal ou qual aspecto por ele: uma foto não é a mesma - aliás, nem se classifica como jornalística - sem sua a legenda porque, como se viu, o papel desta última não é, como ingenuamente se diz, descrever aquela; é, muito mais, exercer o papel de extrapolá-la, fazê-la dizer o que não se vê, a partir do que se vê.

Notas

1. Esta pesquisa embasou o projeto, em desenvolvimento na UESB, "*O Processo de textualização do gênero notícia no jornal impresso: relações entre a linguagem verbal do texto e a não verbal da fotografia jornalística*", o qual iniciei e sou colaborador, e hoje está sob a coordenação da Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca Silva.

2. Em sentido amplo, dêiticos são signos que não se definem semanticamente, mas *apontam* para a situação. A rigor, a noção de *dêixis*, em seu fundamento básico, independe do tipo de linguagem. Quer dizer, "a *dêixis* não se refere somente a língua natural, à linguagem escrita ou verbal. A *dêixis* pode ser estudada, também, no campo da imagem" (Vilches 1984:199). Para detalhes sobre a noção de *dêixis*, consultar Lahud (1979) e Parret (1988).

3. As noções convencionais de fora-de-quadro e fora-de-campo (cf. Dubois 1994 1995), respectivamente oriundas das teorias da fotografia e do cinema, não recobrem a modalidade verbo-visual, aqui analisada: referem-se essencialmente ao espaço.

4. Sobre a expressão simultânea de tempo e espaço por certos operadores, ver discussões em Coroa (1998) e Pontes (1992)

5. Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992..
- BARTHES, R. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENVENISTE, E. *Problèmes de Linguistique Générale I*. Paris: Gallimard, 1966.
- _____. *Problèmes de Linguistique Générale II*. Paris: Gallimard, 1974.
- COROA, M.L.M.S. *Tempo e temporalidade na língua*. Campinas: Unicamp, 1998. (Tese de doutorado).
- DUARTE, E. B. Sobre o texto fotográfico. In: OLIVEIRA, A.C. e FECCHINE, Y. (eds.). *Imagens técnicas*. São Paulo: Hacker, 1998.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papyrus, 1994.
- FARIA, M.A, e ZANCHETTA, J. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2002.
- FIORIN, J.L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2001.
- JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Papyrus, 1996.
- LAHUD, M. *A propósito da noção de dêixis*. São Paulo: Ática, 1979.
- LIMA, I. *A fotografia é a sua linguagem*. São Paulo: Espaço e tempo, 1988.
- NEVES, M.H.M. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: Ilari, R. (org.). *Gramática do Português falado- vol.2*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- PONTES, E. *Espaço e tempo na Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes, 1992.
- PRICE, M. *The photograph: a strange confined space*. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- VILCHES, L. *La lectura de la imagen*. Barcelona: Paidós, 1984.
- VILCHES, L. *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona: Paidós, 1987.